COMO UMA LAGARTA IMPULSIONOU OS DEFENSIVOS BIOLÓGICOS



AMÁLIA BORSARI

Diretora executiva de Produtos Biológicos da CropLife Brasil

NA SAFRA 2012/13, a voracidade da lagarta *Helicoverpa armigera* causou um prejuízo de cerca de R$ 2 bilhões somando-se valores de perdas e custos de controle em todo o País. A *Helicoverpa* ataca, principalmente, as lavouras de tomate, algodão, milho e soja. Tal lagarta tirou o sono de muitos produtores, mas foi um marco nas pesquisas sobre defensivos biológicos. Desde a identificação da praga, o crescimento do setor foi enorme: houve um aumento de 314% no número de biodefensivos disponíveis aos agricultores. Parte do índice deve-se às pesquisas feitas justamente para combater a lagarta. Hoje, existem pelo menos quatro defensivos biológicos capazes de eliminá-la com sucesso – entre eles, vírus e bactéria.

Os defensivos biológicos incluem um grupo grande. Produtos bioquímicos, semioquímicos e macrobiológicos fazem parte dele, assim como os microbiológicos, compostos por vírus, bactérias, fungos e nematoides.

A soja, a cana-de-açúcar e o café correspondem às culturas com maior terreno tratado e maior consumo de biodefensivos do mercado. A área de plantio nacional em que esse tipo de defensivo é utilizado ainda é pouco expressiva – cerca de 20 milhões de hectares dos 77,4 milhões de hectares plantados –, mas promete crescer rapidamente.

US$ 5 BILHÕES EM 2020

De acordo a DunhamTrimmer, principal empresa de pesquisa voltada para os mercados agrícolas biológicos globais, o segmento deve movimentar no mundo mais de US$ 5 bilhões em 2020, um salto de US$ 2 bilhões em relação ao ano anterior. Enquanto o setor cresce na ordem de 10% ao ano em outros países, o ritmo é ainda mais acelerado no Brasil, atingindo mais de 15%. Somente em 2018, de acordo com a Associação Brasileira das Empresas de Controle Biológico (ABCBio), o crescimento do mercado foi de 77% – o que representou algo em torno de R$ 464,5 milhões. A CropLife Brasil estimou que o mercado foi de R$ 675,0 milhões em 2019.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), existem 256 produtos que oferecem baixa toxicidade no mercado nacional. Em 2019, quarenta novos produtos foram liberados para uso. Os produtos de base microbiológica respondem por quase 70% dos registros totais.

DEFENSIVOS, UNI-VOS

As empresas da área são, principalmente, de médio e pequeno portes. Multinacionais de defensivos químicos, no entanto, estão ampliando seus portfólios com biopesticidas por conta das expectativas de negócios no mercado brasileiro. Em 2017, por exemplo, houve um maior número de patentes registradas para biodefensivos do que para defensivos químicos.

O apelo de sustentabilidade ambiental, social e econômica dos biológicos é inevitável. Com a adoção do Manejo Integrado de Pragas (MIP) e do Manejo Integrado de Doenças (MID), defensivos biológicos e químicos passaram a ser usados nas mesmas áreas sem prejuízo. Em culturas tropicais como as do Brasil, precisamos adotar todas as tecnologias possíveis para manejar a resistência das pragas e das doenças no campo. Vale ressaltar que a utilização de qualquer formulação comercial de defensivo, seja químico ou biológico, deve ser supervisionada por um profissional com conhecimento técnico.

O caminho a percorrer ainda é longo, mas é possível que o agronegócio brasileiro também desponte como um dos líderes no segmento dos defensivos biológicos. ■